



**Cicero Lourenço da Silva<sup>1</sup>**

### **Professora Olgária: minha primeira bússola para Frankfurt**

Lembro-me ainda do impacto que me causou a leitura de *A Escola de Frankfurt – Luzes e Sombras do Iluminismo*, de Olgária Matos. Pequeno texto introdutório, foi minha avenida de ingresso ao pensamento frankfurtiano, com sua lente interdisciplinar a esquadrinhar “a servidão voluntária”. Grifei na minha edição: “A racionalidade de dominação da natureza para fins lucrativos, colocando a ciência e a técnica a serviço do capital, é a primeira forma de ditadura, a ‘ditadura da produção’”<sup>2</sup>.

Esse primeiro texto foi o estímulo rumo a uma jornada intelectual pelo universo conceitual dos frankfurtianos. Explicitando o parentesco do modo de produção capitalista com o fascismo, os filósofos de Frankfurt assumem um programa crítico que abarca diferentes facetas da sociedade industrial contemporânea. Marcuse analisa a tecnocracia feroz do Terceiro Reich, no qual uma racionalidade instrumentalizada dita a eficiência das câmaras de gás. Contudo, o consórcio da ciência com o aparato repressivo, chocante nos campos de concentração, redesenha-se com cores mais aceitáveis na sociedade industrial das décadas seguintes. O *Logos* filosófico se via predado por uma *razão irracional*, que recrutara para si até mesmo a ciência, tornando patente mais do que nunca que não há neutralidade científica, uma vez que todo fazer científico se dá dentro de um determinado projeto histórico e político. A partir dessas primeiras percepções, apreendidas na leitura daquele opúsculo de Olgária Matos,

<sup>1</sup> Licenciado, Mestre e Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: teacher\_cicero@yahoo.com.br .

<sup>2</sup> MATOS, Olgária C. F.. *A Escola de Frankfurt, Luzes e sombras do Iluminismo*. São Paulo: Editora Moderna, 1993, p. 7.

voltei-me para um projeto de aprofundamento da obra de Herbert Marcuse, que culminou com o mestrado *Herbert Marcuse, da Grande Recusa à emancipação*<sup>3</sup>. Contudo, esse projeto não nascera exatamente assim. Além das obras de Marcuse que li na preparação do projeto, *The One Dimensional Man*, *Eros e Civilização*, *Razão e Revolução*, e dos diversos artigos e capítulos em livros dedicados à análise de suas ideias, foram três artigos da professora Olgária que me fizeram vislumbrar a concretização de um trabalho de mestrado: “O Corpo e o Poder”, “A Escola de Frankfurt e a questão feminina”, e “Feminismo, reforma ou revolução”, publicados posteriormente em livro<sup>4</sup>. A princípio, eu concebia uma reconstrução teórica em torno da questão da tecnocracia e do conformismo. A produção industrial coadjuvada pelo aprimoramento da técnica “entregava as mercadorias” para a sociedade. O novo *ethos* que se fundava na sociedade era repressivo, e portanto, enfermo. Contudo, a concessão de pequenos prazeres mercadológicos desarticulava a crítica e gerava no proletariado uma nova falsa consciência, uma “paralisia da crítica”, nas palavras de Marcuse. Eros havia sido predado na percepção de que o existente, ainda que repressivo, era bom, já que no passado fora pior. Sobre esse alicerce teórico fui construindo minha dissertação, apresentada aos professores Francisco Pinheiro Machado e Olgária Matos, por ocasião do exame de qualificação. A professora Olgária foi generosa em suas observações, que não deixaram de oferecer críticas pontuais. A estas fez seguir uma sugestão: O texto até ali produzido claramente favorecia uma mudança de itinerário. Por que não explorar a “Grande Recusa”, esse grande eixo da obra marcuseana ainda pouco explorado no Brasil? Acatei a sugestão e entreguei-me a novas leituras e releituras, então iluminado por outras lentes. Isso me convenceu, aliás, a permanecer nos frankfurtianos em estudos posteriores. Segui à risca suas indicações e sua enfática recomendação de que eu lesse *Vida contra a morte*, de Norman Brown, e *Teoria da Vanguarda*, de Peter Bürger. Este último, em particular, forneceu-me elementos fundamentais para uma compreensão mais ampla das relações entre arte e política. A defesa do mestrado foi bastante tranquila e as professoras fizeram algumas sugestões que reconheci serem necessárias. Eu queria muito, após o término da reunião, comentar com Olgária uma passagem benjaminiana com a qual Marcuse fecha *The one dimensional man*: “É somente em nome daqueles sem esperança que a esperança é dada a nós”<sup>5</sup>. A professora mal acabava de me abraçar e eu, já afoito: “professora, a gente pode se encontrar pra falar do

<sup>3</sup> SILVA, Cicero Lourenço da. *Herbert Marcuse - da Grande Recusa à Emancipação*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2012.

<sup>4</sup> MATOS, Olgária. *História viajante; notas filosóficas de Olgária Matos*. Studio Nobel, 1997.

<sup>5</sup> MARCUSE, Herbert. *One Dimensional Man - Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society*. Boston: Beacon Press, 1991, p. 261 (tradução minha).

messianismo benjaminiano?” Rimos, ali, da minha pressa, e só falamos disso depois que o projeto de doutorado foi aceito e, para minha alegria e surpresa, a própria professora seria minha orientadora. Não é fácil encontrar palavras para agradecer por um apoio tão grande, vindo de alguém tão grande. Então, obrigado por tudo, professora Olgária.

Admiração e gratidão.

Cicero

Recebido em 23.10.2018.

Aceito para publicação em 15.11.2018.

© 2018 Cicero Lourenço da Silva. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional ( [http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR) ).